

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. ANA BARCELOS

Ana Barcelos, Professora Titular de Língua Inglesa e Linguística Aplicada, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), tem implementado, com regularidade e sistematicidade, métodos visuais, não só na sua investigação, como também na formação de professores e de jovens investigadores em contexto brasileiro. As editoras do dossiê temático conversaram com a investigadora acerca das suas práticas e da influência dos métodos visuais no desenvolvimento profissional do (futuro) professor de línguas.

1. Ana, muito obrigada por aceitar o nosso convite para esta entrevista. O que são, para você, métodos visuais e qual é ou poderá ser o seu valor na formação de professores, em geral, e de línguas, mais especificamente?

Eu é que agradeço, Silvia! É um prazer conversar com vocês sobre esse assunto tão interessante! Não me considero especialista no assunto. Venho trabalhando com narrativas visuais desde que Paula Kalaja esteve em Viçosa (em 2015) e nos ofereceu um curso.

Métodos visuais são formas não textuais que participantes têm de expressar suas visões, concepções, crenças e metáforas, sobre fenômenos sociais, que em meu contexto de atuação de pesquisa, referem-se à tarefa de aprender e ensinar línguas (materna ou estrangeiras/adicionais). Esses métodos não envolvem somente desenhos, mas incluem também colagens, fotos, qualquer tipo de imagem.

Acredito que eles têm um valor imenso na formação de professores (de línguas) por ser uma ferramenta que nos permite visualizar, que nos permite sair um pouco fora do texto escrito e dar liberdade para as pessoas manifestarem seus pensamentos e concepções de uma forma mais imagética. Como formadora de professores, creio que é uma ferramenta incrível para trabalharmos também em sala de aula com os futuros professores; e como professora de línguas também para compreender melhor o que os alunos acreditam, sentem e pensam sobre o processo de ensino e aprendizagem de línguas.

2. Você já tem trabalhado com métodos visuais ao longo da sua carreira de investigadora. Quais são os temas que costuma privilegiar quando recorre aos



métodos visuais na investigação? O que é que o recurso a métodos visuais lhe traz como investigadora, como “valor acrescentado”?

Geralmente trabalho com os temas de crenças, emoções, identidades, motivação, a relação entre esses conceitos; e mais recentemente, autoestima do professor de inglês. Temos utilizado, narrativas visuais, no caso, desenhos, seguindo as orientações de Kalaja e P; Pitkänen-Huhta (2018) e Kalaja e Melo-Pfeifer (2019). Em alguns trabalhos como o de Oliveira (2016), com adolescentes, utilizamos colagens. O valor, como disse anteriormente, é ter mais um instrumento poderoso que nos permite acessar o que esses participantes pensam, acreditam e sentem sobre o processo de aprender línguas. Essa representação visual também nos ajuda na triangulação de dados da pesquisa qualitativa. O que quero dizer com isso é a utilização de diferentes tipos de fontes de coleta de dados, aqui no caso, triangulação nos tipos de instrumentos. Não utilizamos apenas um instrumento de coleta de dados, mas podemos verificar as asserções dos participantes em instrumentos de dados diferentes. No nosso caso, utilizamos, além das narrativas visuais, questionários abertos, narrativas, escritas, entrevistas e anotações de campo.

3. E na formação dos seus estudantes de graduação e de pós-graduação? Como costuma introduzir métodos visuais na formação e quais são as reações mais comuns? Que temas são tratados pelos alunos em dissertações e teses que utilizaram os métodos visuais no contexto brasileiro? Poderia nos dar alguns exemplos?

Na graduação utilizo, digamos assim, como instrumento de reflexão para futuros professores de línguas. Eu sempre peço que eles escrevam uma narrativa de suas histórias de ensino e aprendizagem de línguas, mas peço ao final que eles façam uma representação visual de como se veem como professores, que tipo de professores de língua se visualizam ou se imaginam sendo. Na pós-graduação, nas atividades com textos que lemos, dou a liberdade a eles de, ao invés de fazerem as famosas resenhas, que utilizem qualquer meio para falar sobre o texto (vídeo, mapas conceituais e mentais, fotos, poesias, colagens e desenhos). Os alunos adoram essa liberdade de se libertar um pouco do texto escrito. Costumo chamar essas atividades de “atividades fora da caixa”.

Já na orientação do mestrado da pós (não temos o doutorado ainda em nosso programa), meus orientandos têm trabalhado os seguintes temas:

- a) Crenças, motivação e identidades imaginadas de alunos adolescentes (OLIVEIRA, 2016);
- b) Crenças de alunos de espanhol sobre ensino dessa língua (SANTOS, 2018);
- c) Paixão e construções identitárias de professores de inglês em pré-serviço (SILVA, 2018);
- d) Crenças, identidades e classe social de alunos em situação vulnerável no Brasil e EUA (PALMER, 2018);
- e) Emoções e motivações para ensinar inglês de professores de inglês em formação inicial (ARCANJO, 2019);
- f) Emoções e crenças de alunos de inglês em formação inicial e o professor formador (GODOY, 2020);
- g) A autoestima de professores de inglês em serviço (CARVALHO, 2020).

4. Você pensa que os métodos visuais poderão ser usados no cotidiano da sala de aula, de línguas ou não? Poderia dar exemplos de cenários possíveis do seu uso com alunos de diferentes níveis de escolaridade?

Sim, penso que sim! Como afirmei acima, eles podem ser utilizados de várias formas, seja em atividades de sala de aula, em situações de reflexão em relação ao processo de ensinar e aprender línguas e também como alternativas ao texto escrito para que o aluno possa se expressar de outras formas. Meu contexto é o universitário, mas como a dissertação de Oliveira (2016) mostrou, os adolescentes também gostaram de fazer as narrativas visuais. Acredito que ainda não é muito utilizado nas aulas de línguas em geral nas escolas regulares ou cursos de idiomas, mas creio que isso pode ser feito sim! Acredito que para professores de escolas, as narrativas visuais (NVs) seriam um ótimo instrumento para se conhecer as crenças e emoções dos alunos de uma forma bem prazerosa. Penso que os professores de ensino fundamental e médio podem trabalhar com essa ferramenta no início do curso pedindo para os alunos, por exemplo, se representarem como aprendizes da língua, ou representarem o que almejam ou sonham, ou como se veem em relação à língua inglesa. A dissertação de Oliveira (2016) pode ser consultada, já que ela trabalhou com adolescentes no ensino fundamental 2.

5. Que conselhos práticos costuma dar aos seus estudantes que enveredam pelo uso de métodos visuais nas suas investigações?

Em primeiro lugar, é preciso conhecer e ler a literatura sobre esse assunto, e os trabalhos dos pioneiros como Paula Kalaja e colegas, e Mello-Pfeifer, no exterior; e Vera Menezes, no Brasil. Nessas leituras, buscar pela metodologia de investigação das narrativas visuais, ou como podemos analisá-las. Em segundo lugar, é preciso ter sensibilidade e um método detalhado de análise para interpretar os desenhos (no meu caso, temos usado mais desenhos), juntamente com as interpretações fornecidas pelos participantes. Aqui na UFV temos utilizado a análise de conteúdo, bem como os critérios de análise de narrativa visuais sugeridos por Zanatta e Civera (2016) e adaptadas por Carvalho (2020). Por fim, Godoy (2020) utilizou, além da análise de conteúdo, a Gramática do Design Visual (Kress & Van Leeuwen, 2006) para analisar as narrativas visuais de uma formadora de professores de inglês e seus alunos-professores. Em terceiro, é sempre bom submeter nossa interpretação a outros colegas, ou a membros de um grupo de estudos que sejam familiares com esse método e temas de pesquisa. Isso é o que fazemos sempre no nosso grupo GPLA (Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada) aqui na UFV. E, por fim, triangular os resultados das narrativas visuais com os outros instrumentos de coleta.

6. Conhece outros colegas que utilizem métodos visuais, dentro da mesma área ou em áreas de estudos diferentes, no Brasil?

Sim, na Linguística Aplicada, na área de ensino e aprendizagem de línguas e formação de professores, a Dra. Vera Menezes, professora Emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, foi uma das pioneiras nas narrativas visuais e multimodais (KALAJA, MENEZES E BARCELOS, 2008). Ela tem orientado trabalhos de doutorado sobre isso (SANTOS E SILVA, 2017). Outro pioneiro das NVs é o professor Dr. Rodrigo Aragão da Universidade Estadual de Santa Cruz, na Bahia. Ele publicou trabalhos na área (ARAGÃO, 2011) e orienta pesquisas na pós-graduação com uso de NVs (incluindo colagens, etc). Outras colegas também orientaram trabalhos utilizando narrativas visuais na área de formação de professores de línguas, como a Profa. Dra. Hilda Simone Coelho, da UFV; e publicaram artigos relatando pesquisas com NVs, como a professora Dra. Marinely Conceição, da Universidade de Brasília (UnB).

7. Como descreveria o estado atual do uso de métodos visuais no Brasil? Como é que a situação poderá evoluir no futuro? Estes métodos são à prova de pandemia?

Vejo que apesar de termos vários trabalhos de mestrado, como mencionei acima, e alguns de doutorado, os estudos ainda são poucos no Brasil. Acredito que podemos ter mais

visibilidade e precisamos publicar mais sobre isso. Essa evolução pode vir disso: das publicações (e iniciativas tais como essa da Revista X com um número especial sobre isso), das parcerias nacionais e internacionais, e de apresentações conjuntas em congressos. Os livros internacionais são muito caros e inacessíveis ao nosso público. Então, falta ainda um livro sobre este assunto aqui no Brasil.

Sim, são à prova de pandemia sim, pois isso pode ser feito *online*. Hoje já existem muitas ferramentas que podemos usar para mostrar visualmente nossas ideias e pensamentos. Há muito ainda para ser feito.

8. Se o gênio da lâmpada lhe concedesse três desejos, o que lhe pediria para promover a implementação e aceitação do uso de métodos visuais na investigação e no ensino?

1. Publicação de um livro sobre isso no Brasil;
2. Mais eventos remotos que possam divulgar esse método (talvez um *workshop* com os especialistas: Vera Menezes, Paula Kalaja, Silvia Melo-Pfeifer e Alice Chick);
3. E que através desses eventos as pessoas pudessem ver além dos desenhos. Que elas pudessem acreditar mais no potencial dos métodos visuais para pesquisa!

Entrevista realizada por

Sílvia MELO-PFEIFER (Universität Hamburg)
Bruna Pupatto RUANO (UFPR)
Francisco CALVO DEL OLMO (UFPR)
Tatyana FRIEDRICH (UFPR)

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. C. Beliefs and emotions in foreign language learning. *System*, 39(3), 302-313, 2011.

ARCANJO, A. J. A. *Emoções e motivações de professores em formação para o ensino de língua inglesa*. 2019. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 2019.

CARVALHO, A. M. *A detailed look at public school in-service EFL teachers' self-esteem*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2020.

GODOY, P. F. G. *Crenças e emoções de uma professora formadora de língua inglesa e de seus alunos: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2020.

KALAJA, P., & MELO-PFEIFER, S. (Orgs.). *Visualising multilingual lives: More than words*. Bristol: Multilingual Matters, 2019.

KALAJA, P; MENEZES, V.; BARCELOS, A. M. F. (Orgs). *Narratives of learning and teaching EFL*. Palgrave. Macmillan. 2008.

KALAJA, P; PITKÄNEN-HUHTA, A. ALR special issue: Visual methods in Applied Language Studies. *Applied Linguistics Review*, v. 9, n. 2-3, p. 157-176. 2018 doi:10.1515/aplirev-2017-0005

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

OLIVEIRA, B. M. *Crenças, motivações e identidades de alunos de língua inglesa de uma escola particular*. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2016.

PALMER, M. M. *Beliefs, identities and social class of English language learners: a comparative study between the United States and Brazil*. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018.

RODRIGUES, N. N. *Relationships between pre-service teachers' emotions and beliefs about learning and teaching English*. 2015. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) Universidade Federal de Viçosa, MG, 2015.

SANTOS E SILVA, M. M. À Mão Livre: Explorando Narrativas Visuais de Alunos Brasileiros sobre a Aprendizagem de Inglês. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, S. L. C. *Crenças de alunos sobre ensino e aprendizagem de espanhol*. 2018. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, 2018.

SILVA, J. B. M. *Vozes apaixonadas pelo ensino de inglês: a construção da identidade de professores em formação inicial*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2018.

ZANATTA, T.; CIVERA, I. Understanding Multilingual Contexts. Languaging and Knowledging with Visual Narratives. *Psychology of Language Learning 2*. Jyväskylä, Finland, 2016.